

331637

PLATÃO E FREUD: SOBRE A QUESTÃO DO PRAZER

Sonia Maria Maciel*

SÍNTESE – Este artigo investiga a questão do prazer no diálogo *Filebo* de Platão, com ênfase nas contribuições de Freud sobre o mesmo tema.
PALAVRAS-CHAVE – Corpo, prazer, dor, bem humano, inconsciente.

ABSTRACT – This paper examines the issue of pleasure in Plato's *Philebus* with emphasis on Freud's contributions on the same topic.
KEY WORDS – Body, Pleasure, Pain, Human being, Unconscious.

Nos parágrafos 31b a 55c do diálogo *Filebo*, Platão empreende uma detalhada análise do prazer com o intuito de verificar a genealogia das manifestações afetivas que dele decorrem. O exame que abrange a maior parte do diálogo situa-se estrategicamente no centro das discussões, o que por si só mostra a importância que Platão atribui ao prazer na composição da obra cujo fim é “colocar em evidência uma maneira de ser e uma disposição da alma que sejam capazes de proporcionar a todos os homens uma vida feliz (*eudaimona*)” (11d). Deter-nos-emos principalmente na parte que faz referência aos prazeres psíquicos (33c-44a), onde se encontra, não somente um quadro das mais diferentes formas de manifestações afetivas, mas também uma investigação detalhada da sensibilidade, da memória, da recordação, do desejo e do julgamento. A partir desses dados faremos algumas digressões com a psicologia profunda de Freud, o fundador da psicanálise.

Platão inicia o exame dos prazeres com uma analogia à dor. Prazer e dor são semelhantes, pois ambos pertencem ao gênero ilimitado, isto é, não possuem em si mesmos nem começo, nem meio, nem fim. Prazer e dor podem ser somáticos e psíquicos. Dentre os psíquicos, no confronto com a dor, é discriminada uma primeira espécie de prazer, a expectativa. Algo vivido só pela alma: é o estado de esperança antecipatória de algo prazeroso, agradável e cheio de confiança; o contrário é a expectativa de desgostos vindouros que provoca o receio e a dor. Essas espécies de prazeres oriundos de uma expectativa da alma são estados mentais que se originam em representações incorporais que a psique constrói independentemente.

* Doutora. Professora da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Leciona atualmente na Universidade de Toulouse (França).

temente do corpo. Eles são autônomos em relação ao seu oposto, isto é, a esperança prazerosa é independente em relação à expectativa de desgostos futuros, um não preenche a falta do outro. Essas manifestações psíquicas, tratadas por Platão como sendo isoladas do corpo, são a condição para a distinção que ele fará entre prazeres verdadeiros e falsos.

O exame dos prazeres da alma começa a partir de sua condição de aparição. Platão afirma que os prazeres psíquicos são inteiramente produzidos pela memória (*dià mnémes*); por essa razão, é preciso defini-la. Mas antes de começar a definir a memória ele salienta que é preciso explicitar o que é a percepção¹ (*aisthêsis*) e o que é a recordação (*anamnésis*). A correta definição desses conceitos é que dará coerência à argumentação posterior no que se refere à função cognoscitiva da psique. Dentre as manifestações que atingem nosso corpo, diz Sócrates, umas alcançam também a alma enquanto outras não. As perturbações que movimentam a alma são, para Platão, aquelas que sabemos de sua existência, logo percepção não é apenas uma perturbação no corpo, mas implica a consciência dessa perturbação. Ou seja, o corpo sofre a modificação e a alma a registra. Somente quando os dois, corpo e alma, se envolvem no processo é que se pode falar de percepção. A sede própria da percepção não é o corpo, porém o corpo em conjunto com a alma. Assim, para expressar corretamente o que é memória deve-se dizer que "a memória é a conservação da percepção" (34a). O corpo é de onde partem as perturbações, mas elas só são guardadas se tiverem também passado pela alma, pois caso uma determinada perturbação não fosse forte o suficiente para impressionar a psique, ter-se-ia perdido e não seria uma percepção. Não poderia, por consequência, ser memorizada e, muito menos, esquecida.

Platão faz ainda uma distinção entre memória que retém, passivamente, o conteúdo de uma sensação experimentada, e o recordar que consiste em tornar presente algo do passado. À função de evocação de uma percepção guardada na memória deve-se dar o nome de *anamnesis* que substancialmente é diferente da memória (*mnême*). O recordar aparece como uma função ativa em relação à memória, porque, enquanto essa é uma simples conservação de uma percepção passada, o recordar é a capacidade da alma de atualizar uma percepção independentemente do corpo, só em si mesma. O recordar mostra-se, assim, como um nível superior ao da memória, na medida em que aciona um movimento que não tem limite. Com efeito, essa função pode, autonomamente, reviver, em sentido pleno, qualquer experiência do passado. Portanto, a diferença entre as duas funções é fundamental: a memória é um tipo de receptáculo passivo, ligada ao corpo e à mente, enquanto que o recordar é um processo ativo e pertence só a alma. O que Platão pretende dizer é que, havendo uma percepção guardada na memória, a alma poderá, sozinha, acionar o movimento que tornará tudo presente novamente.

¹ O termo *aisthêsis* é normalmente traduzido por sensação, mas, neste caso, prefiro traduzi-lo por percepção, uma vez que implica também a alma no reconhecimento do movimento que se efetua no corpo.

Da forma como a percepção foi colocada por Platão significa conferir à alma a possibilidade de uma virtualidade pura, a possibilidade de instaurar uma ligação com o não-presente, sem nenhum suporte material exterior. Mas qual o objetivo dessa digressão sobre *mnême* e *anamnesis*? Ela é a condição para a análise dos prazeres só da alma sem o corpo e também do desejo (*epitymia*). Os prazeres puramente psíquicos dependem dessas faculdades da alma e têm sua origem no desejo. O sentido estabelecido aqui por Platão é diferente da teoria da reminiscência, tendo uma função metodológica de divisão das funções da psique. A intenção dele é analisar os atos espontâneos da psique que dão origem a estados afetivos. A origem do desejo está ligada à possibilidade da psique de recordar-se espontaneamente de estados afetivos passados. Portanto, através da independência da psique, em relação ao corpo, para recordar-se, Platão tenta estabelecer a origem do desejo, fundamental para a análise do prazer psíquico que ele confronta com o prazer puramente físico.

A capacidade da alma de conservar e se recordar, de ultrapassar o presente, lembrando fatos do passado, é a prova de sua independência em relação ao corpo. Entretanto essas condições, em si mesmas, não explicam como surge o desejo. Por isso, no parágrafo 34d2-3, Sócrates afirma: "Temos de ver previamente o que é o desejo e onde ele se gera". Platão, portanto, na abordagem das funções da psique, tentará determinar a condição de surgimento do desejo seguindo esta ordem: excitação, percepção, memorização, recordação e, por fim, o desejo.

O que é a fome e a sede? Platão tenta mostrar que eles não podem ser examinados como percepções corporais simplesmente, pois revelam-se também como um desejo. Quando alguém tem sede significa dizer que tem desejo de beber, já que está vazio de bebida; portanto, o desejo é algo oposto ao estado em que o corpo se encontra; conseqüentemente, como diz Sócrates, o que se "deseja é o estado contrário ao que se experimenta (34a3-4)". Continuando o raciocínio, Sócrates afirma que ter sede é estar vazio e desejar algo, não a bebida, mas a repleção que atingiria pela ingestão da bebida. Portanto, o desejo é desejo de alguma coisa, mas alguma coisa não é, por exemplo, a bebida, mas o estado que se atingiria com a ingestão da bebida. Portanto, a bebida é somente o objeto que poderá satisfazer a falta que é a sede; porém, o que o indivíduo deseja é a satisfação, estar cheio, e não o objeto, a bebida. Cada desejo possui um objeto correlato, através do qual o indivíduo vê a possibilidade de satisfação daquilo que lhe falta, mas "é o movimento natural próprio a cada espécie de desejo que torna tal objeto desejável, e isso é somente porque ele revela-se, por natureza, como o tipo de objeto capaz de fazer cessar um tipo determinado de falta e de proporcionar prazer".²

Com isso, pode-se concluir que: a) a fome e a sede são desejos e não podem ser confundidos com o prazer e a dor que os acompanham; b) a satisfação do desejo de beber é um prazer, uma vez que preencherá o vazio a que o corpo esta-

² DIXSAUT, Monique. Une certaine espèce de vie (*Philèbe*, 34 D1-36 C3). In: *La fêlure du plaisir: études sur le Philèbe de Platon*. Paris, VRIN, 1999, p. 259.

va submetido. Essa satisfação é uma consequência da condição que a alma possui de poder desejar algo diferente do estado em que o corpo ou ela mesma se encontra. Com efeito, o desejo não significa algo negativo como sinal de uma falta, mas algo positivo que busca o ausente (a repleção como consequência da ingestão de líquido). Assim, Sócrates conclui que o desejo não pode ter origem no corpo, pois ele encontra-se bloqueado diante da situação em que se encontra: o vazio. Só a alma tem a capacidade de transcender a situação atual e, agindo independente e autonomamente, ultrapassar os limites impostos pelo estado presente. Logo, não é o corpo que deseja beber, é a alma.

Platão não explica como a alma realiza essa função, somente afirma que ela o realiza utilizando os recursos da memória, pois a alma, tendo guardado na memória a idéia de repleção, poderá ativá-la pela recordação e com isso vivenciá-la novamente; essa é a única maneira possível. É o desejo de preencher a falta de bebida existente no corpo atualmente que faz com que a alma acione a recordação, pois, estando vazio o corpo, a repleção ou o preenchimento só podem vir da lembrança de uma plenitude anterior. O desejo, portanto, nasce na alma e é satisfeito por um sentimento de plenitude vivido no passado. Ele proporciona prazer quando a lembrança vem acompanhada da esperança de atingir novamente esse prazer (34c-35d).

Esta dualidade entre corpo e alma explica, segundo Platão, a possibilidade que temos de experimentar, simultaneamente, sentimentos opostos e paralelos. Na verdade, podemos experimentar uma sensação de sofrimento pela privação presente, ao mesmo tempo em que conservamos a esperança agradável de uma plenitude futura. Inversamente, podemos experimentar sensações de sofrimento pela privação presente e desesperar-nos por não ver nenhuma possibilidade de atingir a plenitude no futuro. Assim, tanto os sofrimentos do corpo são atenuados pelos prazeres da alma quanto são reforçados por suas penas (35e-36).

Na literatura psicanalítica, são inúmeras as referências a Freud e suas relações com a filosofia, e principalmente com Platão. O jovem Freud apresentava um verdadeiro fascínio pela especulação filosófica, mesmo sendo o ambiente cultural de sua época não muito favorável à metafísica, centrando a produção intelectual mais na perspectiva materialista e cientificista. Para Freud, Platão é o primeiro grande pólo de referência para os seus estudos psicanalíticos, haja vista, por exemplo, a referência central que se encontra no cap. VI de *Além do princípio do prazer*. Lá a argumentação sobre a origem da sexualidade esbarra numa impossibilidade que só pode ser levada adiante com uma mudança radical de domínios e de pontos de vista. Freud, tendo esgotado os recursos para uma argumentação propriamente científica, para dar conta das hipóteses propostas, utiliza-se de um outro discurso, diametralmente oposto: o mito. Passar para um outro extremo é legítimo, uma vez que necessário, mas perigoso. A palavra mitológica desempenha uma função ao mesmo tempo vicariante e específica, pois satisfaz a condição procurada: dar conta da derivação do instinto de uma "necessidade de restabelecimento de um estado anterior". Este estado, na verdade, é atestado fenomenalmente pelo material psicanalítico. Mesmo que a relação de Freud com a filosofia

seja paradoxal e contraposta com o discurso científico, ele batiza sua sistematização teórica de "metapsicologia", o que remete ao campo conceitual da filosofia, aproximando-se assim da metafísica por sua contraposição à ciência natural. Freud não pretende construir um sistema filosófico, mas declara, nos primeiros parágrafos de *Além do princípio do prazer*, que "os ensinamentos da ciência, relativamente ao nascimento da sexualidade, representam tão pouca coisa, que podemos comparar esse problema a trevas onde nenhuma hipótese conseguiu penetrar com seu raio de luz".

Além do princípio do prazer é o maior texto de Freud dedicado ao estudo do prazer e da sexualidade, os quais, segundo ele, estão ligados. No entanto este estudo constitui-se já numa segunda abordagem, pois o primeiro é *Formulações concernentes aos dois princípios do funcionamento psíquico*. Em *Além do princípio do prazer*, Freud começa com a seguinte frase: "Na psicologia fundada sobre a psicanálise, nós nos acostumamos a tomar como ponto de partida os processos mentais inconscientes cuja análise nos fez conhecer as particularidades. Nós os consideramos como o processo mais elementar, primário, para os resíduos de uma fase de desenvolvimento no qual eles eram o único tipo de processo psíquico. O fim ao qual obedecem esses processos primários é fácil de reconhecer: aquele que descrevemos como princípio do prazer-desprazer ou, mais precisamente, princípio do prazer. Esses processos se desenvolvem visando um ganho de prazer: a atividade psíquica se afasta de todo acontecimento que seja de natureza a suscitar desprazer". Esses processos, como Freud salienta, podem ser constatados nos sonhos e nos atos falhos quando estamos acordados.

Mas, bem antes desse trabalho, Freud se propõe a desenvolver o sentido de realidade para a humanidade em geral, examinando o desenvolvimento do psiquismo individual; e ele se refere expressamente ao modelo de ser humano ainda bem perto do nascimento. Ora é suficiente olhar tal ser no momento do nascimento para se perceber o que é realmente primeiro nele: é o desejo. O recém-nascido tem fome antes de conhecer o seio materno. Por conseqüência, como pensa Freud e alguns psicanalistas, Melanie Klein, por exemplo, o bebê alucina. Mas a mola que dará início ao processo que ficará registrado no inconsciente e, portanto, na memória, pode ser a conjunção da apetição, da alucinação e a representação que se forma na seqüência de uma experiência de objeto que o satisfaça. É com essa experiência de satisfação que o indivíduo irá sonhar, alucinar, se satisfazer ou recalcar, mas será sempre o motor de partida. Essas experiências ficarão registradas no inconsciente para sempre segundo Freud. São elas que darão início a um processo infinito da imaginação na busca e obtenção de prazer.

Mas o que é realmente o inconsciente para Freud? Para Freud, a personalidade é composta de três grandes sistemas: *id*, *ego* e *superego*. Embora esses sistemas tenham suas próprias funções, propriedades, dinamismos, eles atuam um sobre o outro tão estreitamente, que é quase impossível destacar as contribuições de cada um para o funcionamento psíquico. O *id* é formado pelos aspectos herdados e pulsões presentes desde o nascimento. É o reservatório que põe em funcionamento os outros sistemas. O *id* não tolera aumentos de energia, resultante de

estimulação externa ou excitações internas; ele tende a descarregar fazendo o organismo retornar a um nível de conforto, e esse princípio de redução da tensão é chamado por Freud de princípio do prazer. Para realizar seu objetivo de evitar a dor provocada por uma excitação e obter prazer, o *id* dispõe de dois processos: a ação reflexa e o processo primário. As ações reflexas são reações automáticas e inatas, como piscar e espirrar, as quais reduzem imediatamente as tensões. O processo primário é mais complexo; ele tenta descarregar a tensão formando a imagem do objeto capaz de remover a tensão. Por exemplo, o processo primário dá à pessoa faminta uma imagem mental do alimento. Essa experiência alucinatória, em que o objeto desejado está presente na forma de imagem mental, é chamada realização de desejo. Esta indicação concernente à nossa concepção da experiência de satisfação permite melhor avaliar a maneira com que Freud deduz a gênese do princípio da realidade a partir da tendência primária em direção à alucinação do objeto de satisfação.

O *ego* existe porque as necessidades do organismo requerem transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade. A pessoa faminta tem que procurar alimento para que a tensão da fome seja eliminada. Isso significa que ela precisa aprender a diferenciar entre a imagem mental do alimento e a percepção real que dele tem. O *ego* obedece ao princípio de realidade e opera por meio do processo secundário, este é o pensamento realista. Por meio de processo secundário, o *ego* formula um plano para a satisfação da necessidade e depois o testa, geralmente, por uma espécie de ação, para ver se funciona ou não. O *ego* é o executivo da personalidade, porque controla as portas de entrada para a ação, seleciona os aspectos do meio aos quais reagirá e decide quais os instintos a serem satisfeitos e de que modo. No desempenho dessas altas funções executivas, o *ego* tem que procurar integrar as exigências – às vezes antagônicas – do *id*, do *superego* e do meio externo. Seu papel principal é o de intermediário entre as exigências instintivas do organismo e as condições do ambiente.

O terceiro sistema da personalidade a desenvolver-se é o *superego*. Ele é o representante interno dos valores e ideais tradicionais da sociedade, transmitidos pelos pais; ele é a arma moral da personalidade. Representa mais o ideal do que o real e luta mais pela perfeição do que pelo prazer. Sua preocupação principal é decidir se alguma coisa é certa ou errada, de modo que o indivíduo possa agir em harmonia com os padrões morais autorizados pelos agentes da sociedade.

Para Freud, o ponto de contato ou a ponte entre a energia do corpo e a personalidade é o *id* com suas pulsões. As pulsões são uma representação psicológica de uma fonte somática de excitação. A representação psicológica chama-se desejo, e a excitação corpórea chama-se necessidade. As pulsões são consideradas fatores propulsores da personalidade. Eles não só impulsionam o comportamento, como também determinam a direção que o mesmo deverá tomar. Em outras palavras, a pulsão exerce controle seletivo sobre a conduta pelo aumento da sensibilidade da pessoa em relação a determinada estimulação.

O bebê humano, diferentemente das outras espécies, fica exposto à suas necessidades sem recursos biológicos suficientes para definir nem com que nem como satisfazê-las. Para Freud, quando se trata de estímulos internos, a criança só poderá operar uma tentativa de resolução através de outro ser humano tutelar. É esta insuficiência que deixa espaço para uma dimensão psíquica: a pulsão, como representante do biológico e aquilo pelo qual o inconsciente está ligado muito de perto. No entanto, para que esta pulsão possa articular-se como representante de um estímulo interno, requer a interferência do semelhante que, no caso do humano, se apresenta como a imago que vem a trabalhar esse mal-estar do bebê na delimitação de uma fonte, direcionar sua força e articular a posição do objeto em direção a um fim. Frente a um real que o arrasta para um mal-estar, o semelhante oferece-se como aquele que incessantemente busca recobrir o que no real está sempre aberto: o objeto. É nesse momento que a mãe liga o objeto à satisfação pela linguagem. No lugar desse vazio por arte do discurso da mãe, o corpo se reordena em um sistema que nada mais tem a ver com o biológico. O indivíduo não se desenvolve por estar antecipado em uma estrutura dada, mas por, *a posteriori*, fazer uso de uma cadeia significativa que nada mais é do que a ligação da satisfação obtida no momento da falta com o que apareceu como estrutura plena.

A partir disso, temos o seguinte: a) o desenvolvimento do bebê humano não opera por simples automatismo biológico; b) os estímulos externos não são o motor de seu desenvolvimento; c) seu corpo se organiza pelas marcas simbólicas que o afetam; essas marcas simbólicas ficam em torno daquilo que faltou no corpo, mas são remodelados com contornos fantasmáticos, ou seja, imagens que anulam o real e permanecem no indivíduo como os sistemas visual, auditivo, fonador, motor, hábitos que tendem a se manter estáveis. Assim, de acordo com Freud a vivência de satisfação primordial, “a imagem mnésica de uma certa percepção se conserva associada ao traço mnésico da excitação resultante da necessidade. Logo que esta necessidade aparece de novo, produzir-se-á, graças à ligação que foi estabelecida, uma pulsão psíquica que procurará reinvestir a imagem mnésica desta percepção e mesmo invocar esta percepção, isto é, restabelecer a situação da primeira satisfação: essa pulsão é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a ‘realização do desejo’”.

Do que foi examinado temos portanto: a) Freud não identifica a necessidade física com o desejo, pois a necessidade gerada por um estado de tensão interna encontra sua satisfação pela ação específica que fornece o objeto adequado (alimentação, por exemplo); o desejo está indissociavelmente ligado a “traços mnésicos” e encontra sua realização na reprodução alucinatória das percepções tornadas sinais dessa satisfação; b) a procura do objeto na realidade é inteiramente orientada por essa relação com sinais; c) é a articulação destes sinais que constitui esse correlativo do desejo que é o fantasma; d) a concepção freudiana do desejo diz respeito, por excelência, ao desejo inconsciente ligado a sinais infantis indestrutíveis.

Da análise feita com os dois autores pode-se concluir: tanto Platão quanto Freud começam o exame do prazer por sua relação com a dor ou com o desprazer. Ambos partem da sensação e sua recordação como propulsora da busca de prazer atual. Freud parte de uma excitação primeira do recém-nascido, seu primeiro momento de fome e sua satisfação pela mãe. Platão diz que todas as impressões ficam registradas e são revocadas através do processo do recordar. Esse movimento não tem limite, podendo reviver em sentido pleno qualquer experiência do passado. Essa virtualidade que Platão vê como uma possibilidade da alma pode-se entender como a associação que a alma faz da necessidade com sua satisfação e a obtenção de prazer. Disso resultará o que Platão chama de expectativa prazerosa de novamente obter o mesmo prazer, denominado por Freud fantasma, isto é, imagens que ficaram registradas e que darão orientação na busca do objeto de satisfação. Platão acrescenta ainda que a fome e a sede não são sensações corporais, mas desejos de obter de novo a sensação de prazer que a repleção provocou. O indivíduo busca o prazer obtido porque ele tem registrado na memória a sensação de prazer e é ela que será buscada. Para Freud, logo que a necessidade aparece no indivíduo, ele lembra a ligação feita entre necessidade e satisfação. Essa lembrança gera uma pulsão que é o desejo, o reaparecimento da percepção é, para Freud, a realização do desejo.

Para Freud, o *ego* existe porque as necessidades do organismo requerem transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade. Para Platão, a verdade ou a falsidade de um prazer resulta da relação com o objeto a que ela se refere. Julgar falsamente um objeto pode conduzir a um gozo falso, mas esta relação, para Freud, em princípio é controlada pelo *ego*, mas nada impede que uma satisfação possa ser obtida através de objetos substitutos, e que é denominado por Freud deslocamento. Este pode levar a obter um prazer falso, no sentido de não o mesmo; no entanto, ele oferece mesmo assim um *quantum* de satisfação. O julgamento, portanto, tão importante para Platão é visto por Freud como uma função do *ego* que analisa as condições de investimento num objeto de satisfação.

A memória é função fundamental, tanto para Platão quanto para Freud, e a distinção entre o processo de evocação é distinguido pelos dois no sentido de que atualizar uma sensação significa redimensionar o prazer obtido a partir do objeto da lembrança e do objeto que se tem agora. Partindo disso se terá ou não uma verdadeira satisfação para Platão; para Freud, isso não tem muita importância, pois será sempre uma evocação da experiência primeira, mas que poderá ser deslocada e transmutada na busca de uma satisfação semelhante que nunca mais será a mesma.³

³ Os textos de S. Freud utilizados aqui são os das *Obras Completas* (Imago, 1969), e os textos de Platão são da *Œuvres Complètes* (Belles Lettres), com tradução de minha autoria.